

E ele a prendeu maciamente, sentindo o caudal de ternura que de suas entranhas rolava para as dela, compassivas, quentes.

E Mellors compreendeu ao penetrá-la que era o que tinha a fazer — realizar o contato da ternura sem prejuízo do seu orgulho, dignidade ou integridade de homem. Porque afinal de contas, se só ela tinha dinheiro, o orgulho e honra deviam impedi-lo de dar isso como razão para afastá-los. "Eu quero o contato físico de ternura, e ela é a minha companheira. E isto deve ser uma luta contra o dinheiro, a máquina e o insensível do mundo. Ela me ajudará na luta. Graças a Deus achei uma mulher! Graças a Deus tenho uma mulher que é terna e me compreende, que não é tirânica, nem tola. Graças a Deus encontrei a ternura e a compreensão."

E enquanto seu sêmen jorrava dentro de Constance sua alma também se projetava para ela, nesse ato de criação que é mais que procriação.

Constance estava mais resolvida do que nunca a que nada os separasse; mas os meios, as disposições para isso, tinham de ser ajustados.

— É certo mesmo que odeia a Bertha Coutts? perguntou-lhe.

— Não me fale de semelhante criatura.

— Preciso falar, porque você já a amou. E foi tão íntimo com ela como o é comigo hoje. Não acha horrível odiar uma criatura com a qual chegou à intimidade máxima? Por que é assim?

— Não sei. Ela parecia sempre pronta a voltar-se contra mim, sempre. E aquela obstinação de fêmea, aquele furor às soltas tinha de acabar em tirania atroz. Ela sempre me lançava em meu rosto a sua liberdade, como se me lançasse vitriolo.

— Mas não se libertou nunca de você totalmente. Será que ainda o ama?

— Não, não! Se ainda se ocupa de mim é movida pela raiva louca de me fazer mal, só isso.

— Mas houve tempo que ela amou você...

— Não. Talvez só por momentos. Eu a atraía — e isso talvez fosse uma das razões para odiar-me. Amava-me por momentos, mas voltava atrás e me torturava. Seu maior de-

sejo sempre foi maltratar-me. Sua vontade voltou-se contra mim desde o começo.

— Talvez admitisse que você não a amasse bastante e quisesse forçá-lo ao amor.

— Forçar!

— Mas você nunca a amou de verdade, não é? Pois aí está o crime, diante dos olhos dela.

— Que teria eu podido fazer? Comecei amando-a, mas ela... Paremos com isto. Tudo uma desgraça. Da vez que apareceu no "cottage", eu tê-la-ia matado, se tivesse tido a coragem. Está aí uma coisa de que devia ser legal. Quando uma mulher fica obscena, bêbada de maldade, devíamos poder matá-la.

— E não também aos homens quando ficam cegos pela obstinação?

— Sim, a eles também! Mas preciso desembaraçar-me dela definitivamente, senão cai de novo sobre mim. Tenho de obter o divórcio. Prudência, pois. O mundo não poderá ver-nos juntos — nem ela. E não suporto a idéia de que minha mulher me veja com você.

Constance refletiu sobre isto.

— Então não podemos ficar juntos?

— Por uns seis meses não. Mas acho que terei o divórcio em setembro. E ainda há que esperar até março.

Mas, a criança nascerá em fins de fevereiro.

— Ah! os Cliffords, as Berthas! Que eu os visse mortos.

— Não, não está sendo generoso com eles.

— Generoso! Mas que desejar de melhor para esta gente, senão a morte? Eles não podem viver! Não fazem outra coisa senão negar a vida! São hediondas as almas que há neles. Oh! Bem que podia ser permitido matá-los.

— Mas você teria coragem para isso?

— Teria, sim, e matava-os com menos remorso do que se matasse doninhas. As doninhas, pelo menos, são bonitas e solitárias, e essa gente é legião. Ah! Sim, eu os mataria!

Mas era preciso pensar em outra coisa. Constance compreendia aquela necessidade de desembaraçar-se de Bertha Coutts; a sua íntima incursão na vida de Mellors fora bastante sinistra. Logo, não havia outro remédio. Constance tinha de viver só até março. E também ela iria divorciar-se